

# O Ensino das Línguas Clássicas:

## reflexões e experiências didáticas

**Cláudia Cravo e Susana Marques  
(Coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

# “INTRODUÇÃO À CULTURA E LÍNGUAS CLÁSSICAS” – PROPOSTAS DIDÁTICAS

## (“Introduction to classical languages and culture” – didactic proposals)

ISALTINA MARTINS (isaltinamartins@sapo.pt)

Presidente da APLG

CÉLIA MAFALDA OLIVEIRA (cmafalda@sapo.pt)

Agrup. de Escolas Coimbra Oeste

**RESUMO** – É apresentada, numa primeira parte, uma breve reflexão sobre as metodologias de ensino das línguas clássicas desde os anos 70 do século XX até ao momento. Refere-se a valorização da cultura como um todo indissociável da língua e a importância das línguas clássicas na origem do português. Destaca-se o papel que deve ser assumido pela disciplina de oferta de escola “Introdução à Cultura e Línguas Clássicas” (ICLC) enquanto espaço de intertextualidade e de sensibilização/introdução aos mitos e costumes dos gregos e dos romanos, partindo sempre da observação e compreensão do presente. Apontam-se, de seguida, vários temas que podem ser ponto de partida para unidades didáticas. Numa segunda parte, são apresentadas, de forma detalhada, duas propostas didáticas a explorar em ICLC.

**PALAVRAS-CHAVE:** didática, línguas clássicas, propostas didáticas

**ABSTRACT** – This text begins with some brief reflections on teaching methodologies for classical languages since the 1970s. It explores the idea that culture is inseparable from language and should be appreciated as a whole, as well as the importance of classical languages in the history of the Portuguese language. It emphasises the role that should be adopted by schools for the "Introduction to Classical Languages and Culture" (ICLC) syllabus, as a place for intertextuality and awareness/introduction to the Greek and Roman myths and way of life, based on observation and understanding of the present day. Several topics which can serve as starting points for didactic units are proposed. The second part of the text focuses on a detailed presentation of two didactic proposals that can be explored in ICLC classes.

**KEYWORDS:** didactic, classical languages, didactic proposals

### INTRODUÇÃO

O tema deste volume — reflexões e experiências didáticas — não podia ser mais pertinente e necessário no atual momento da nossa educação: refletir sobre o que deve ser o ensino das línguas clássicas neste tempo de rapidez e de técnica, nada propício ao que uma verdadeira reflexão exige.

Por isso precisamos de refletir, refletir sobre a escola, sobre o que se aprende na escola, sobre o que deve ser ensinado na escola, sobre o papel do professor, sobre as formas de aprender.

As metodologias de ensino das línguas clássicas foram, a partir dos anos 70 do século passado, muito discutidas e sofreram alterações significativas, com a introdução dos temas de cultura, entendendo-se, e bem, que uma língua não pode ser dissociada da cultura que a enforma. Os manuais, nas línguas clássicas como nas línguas modernas, eram, na altura, simples antologias de textos que inseriam, nalguns casos, pequenas notas explicativas do significado de alguns vocábulos no contexto. Defendeu-se, então, que também o estudo das línguas clássicas não podia centrar-se apenas no texto de autor e numa análise gramatical com vista à sua tradução, e que era necessária uma referência ao seu contexto cultural e civilizacional. Introduzia-se, assim, o estudo da língua a partir de um tema de cultura para depois passar ao estudo do texto. E se antes o texto era analisado frase a frase e, em cada frase, esmiuçando a análise morfológica e sintática dos seus elementos constituintes, procurou-se a partir daí uma leitura global do texto, uma compreensão das suas ideias gerais, antes de passar a aspetos específicos que depois levariam à tradução. Não se tratava de aplicar a metodologia das línguas modernas, mas de levar primeiro ao texto e depois à frase, primeiro à compreensão global antes de analisar o particular, buscando, a partir do contexto, que antecipadamente tinha sido estudado, as palavras-chave que levariam à sua compreensão. E os manuais passaram a ser mais atrativos, ilustrados, incluindo exercícios variados - uma espécie de livro-método que aliava a motivação para o estudo à exigência do conhecimento. No caso concreto do ensino em Portugal, que continuava a ter apenas o antigo livro único com algumas adaptações, muitos professores se valiam de manuais estrangeiros, não para os seguir inteiramente, mas para deles extrair exemplos de textos, de exercícios, que depois adaptavam para as suas aulas. Serviam de exemplo os manuais franceses, sempre muito apelativos e ilustrados, cujos textos seguiam uma temática muito semelhante aos nossos programas, mas também os ingleses e os espanhóis. Nesses livros podíamos encontrar metodologias diversas, que, de acordo com o *curriculum* de cada país, programavam o estudo da língua e da cultura num ritmo mais lento ou mais rápido, uns privilegiando os textos adaptados, outros entrando desde cedo nos textos dos autores clássicos.

E, ao longo dos anos, as mesmas questões se vão levantando. Depois de algumas experiências mais ou menos inovadoras, a questão das metodologias continua a gerar alguns desacordos, nem sempre fundamentados em estudos concretos sobre a eficácia de um ou outro método.

Afinal como se deve ensinar uma língua que ninguém fala no dia-a-dia, que não ouvimos falar na rua, embora a usemos nas mais variadas situações, desde as citações e expressões de uso corrente, sem esquecer que é a língua-mãe da nossa língua materna? Como se deve aprender/ensinar uma língua que nos chega apenas através dos textos escritos, ainda que continue a ser usada como meio de comunicação em realizações e atividades muito restritas e em alguns meios académicos mais fechados? Que metodologias utilizar para ensinar uma

língua flexionada, com uma estrutura gramatical complexa, quando ela ocupa um espaço tão reduzido no *currículum* escolar? E esta é a questão fundamental: o tempo que a escola concede ao ensino das línguas clássicas e, mais ainda, o número de alunos que enquadra esse estudo no seu *currículum*.

As línguas clássicas são línguas de cultura. Através delas nos chegam os maiores autores da literatura de todos os tempos, os géneros que marcaram toda a literatura ocidental, a poesia, a filosofia, as ciências, para não falar dos textos de carácter histórico, literário e científico em que se exprimia toda a Europa culta ao longo de séculos. Estudar os autores da antiguidade, compreender os seus textos exige um bom conhecimento da língua, exige reflexão sobre o texto, sobre as estruturas linguísticas, exige tempo. E tempo é aquilo que falta na carga letiva que o *currículum* escolar dedica ao estudo das línguas clássicas. A hipótese de dois anos de estudo de latim no ensino secundário, ou de uma iniciação apenas no ensino superior é algo manifestamente insuficiente para um exigível domínio da língua.

Por isso se requer um estudo das línguas clássicas em anos mais precoces do *currículum* escolar e não apenas no ensino secundário. Uma introdução às línguas clássicas e à cultura nos primeiros ciclos de aprendizagem, para além de despertar o gosto pelo saber e motivar para a importância desse conhecimento, fará a preparação para o estudo dos autores clássicos no ensino secundário e proporcionará um outro desenvolvimento linguístico e cultural a todos os níveis, uma formação humanística necessária como base para o prosseguimento de outros estudos.

No entanto, a situação no nosso sistema educativo chegou a um tal ponto que teremos que recomeçar lentamente, pois faltam-nos os meios, carecemos de alguma aceitação, de enquadramento, de professores qualificados em cada escola que possam repor e motivar para o estudo de uma disciplina que, oficialmente, tem estado condenada ao ostracismo.

A “Introdução à Cultura e Línguas Clássicas” no ensino básico, que no ano letivo de 2015/ 2016 se iniciou em algumas escolas, constituiu um primeiro passo no relançamento que se pretende paulatino, mas firme, sem perder a noção da realidade atual, tendo em conta as reais condições de cada comunidade educativa e a qualificação dos professores para este desafio.

Não se propõe, para já, uma aposta acentuada no estudo das línguas, mas uma introdução à cultura que vá, ao mesmo tempo, dando algumas noções da língua. Será uma sensibilização, uma introdução ao mundo dos mitos e dos costumes de gregos e romanos da antiguidade, partindo da compreensão do mundo atual, procurando através do conhecido chegar às origens, à raiz e explicação da nossa língua e da nossa cultura.

Uma disciplina, de Oferta de Escola, de “Introdução à Cultura e Línguas Clássicas” no ensino básico, provocará, através da interdisciplinaridade, uma reflexão, um conhecimento mais consistente em muitas das matérias de estudo,

um saber que será retido com maior segurança e de forma mais duradoura. Pretende-se, com esta disciplina, formar jovens mais atentos à cultura que os rodeia, mais conscientes da riqueza da sua língua materna e inculcar-lhes um espírito reflexivo e crítico em relação ao que leem e ouvem. Porque ler, dizia Vergílio Ferreira, “é mobilizar em nós todas as faculdades activas. O entendimento, a memória, a imaginação”<sup>1</sup>.

Será, pois, a leitura um aspeto a desenvolver, a aprofundar, de modo a que os textos lidos sejam entendidos na globalidade dos seus sentidos explícitos ou ocultos, sabendo interpretar as metáforas, as referências clássicas que aparecem. Partiremos, portanto, do presente, para, explicando-o, chegar ao conhecimento do passado, numa interligação que leva à construção de saberes mais conscientes, mais fundamentados.

Como fazê-lo? Que metodologias utilizar?

Apresentamos alguns exemplos de temas que podem servir de ponto de partida para uma unidade didática:

- Podemos partir de uma notícia da atualidade onde, muitas vezes, aparecem referências a temas da mitologia ou citações em latim — será um bom mote para a explicação do seu significado num contexto específico, que poderá levar, de seguida, a um alargamento do tema, com pesquisa, com exercícios, com algum estudo da língua.

- Uma palavra ou expressão de uso quotidiano pode levar-nos à busca da base clássica, da raiz grega ou latina e, a partir daí, ao estudo de temas de civilização e cultura, de mitologia, de língua.

- O significado de expressões latinas que se usam tanto em português como noutras línguas permite mostrar como a presença do latim é atual, mesmo na língua inglesa.

- Podemos mostrar como a linguagem da técnica, dos computadores, da internet está cheia de latim, ainda que tenha entrado através do inglês.

- Em interdisciplinaridade podemos explicar termos e fórmulas em uso nas disciplinas científicas, como:

- os símbolos químicos,
- as letras gregas usadas na matemática,
- o nome científico das plantas ou dos animais,
- as especialidades médicas.

- Nos textos da literatura portuguesa, em prosa ou em verso, estudados na aula de Português, são inúmeras as referências clássicas que nos podem levar mais além na explicação do tema, permitindo uma melhor compreensão dos mesmos.

---

<sup>1</sup> Ferreira 2001: 85.

- Também o vocabulário português será enriquecido através da sua explicação etimológica.
- No vocabulário científico e técnico ver como os neologismos são sempre formados a partir do latim ou do grego.
- Mostrar a presença das línguas clássicas nos nomes dos mais diversos artigos do quotidiano, começando por uma lista do supermercado.
- Perceber como, nas mais diversas situações, continuamos a recorrer à cultura greco-latina: listar, por exemplo, os nomes dados a operações de investigação ou simples patrulha policial (da GNR, da PSP, da PJ, do SEF), muitas vezes relacionados com figuras da mitologia.
- Etc.

Estes e outros temas poderão ser o ponto de partida para pôr em evidência que o estudo da cultura clássica, das línguas grega e latina não é algo fora de moda ou desnecessário e que para compreendermos melhor o mundo à nossa volta temos que conhecer o passado.

A título exemplificativo, apresentamos duas propostas didáticas destinadas a níveis de escolaridade diferentes.

## I. PRIMEIRA PROPOSTA — PARA ALUNOS DO 5.º ANO

Tendo como tema as fábulas de Esopo, apresenta-se um trabalho colaborativo com a disciplina de Português e a Biblioteca Escolar (BE). Pretende-se que os alunos tomem consciência do legado da antiguidade clássica e compreendam os valores intemporais que estas narrativas transmitem.

1. Num périplo pelo normativo *Programas e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico* (2015), constatámos que, na lista de obras e textos para Educação Literária destinados ao 5.º ano, figura a fábula, texto tão do agrado dos alunos, quer pelas temáticas, quer pela extensão, sendo dadas as seguintes indicações: escolher 4 fábulas de La Fontaine entre “A Cigarra e a Formiga”, “O Lobo e a Raposa”, “A Raposa e as Uvas”, “A Raposa e a Cegonha”, “O Leão e o Rato”, “O Velho, o Rapaz e o Burro”, “A Galinha dos Ovos de Ouro”, “A Lebre e a Tartaruga” ou escolher o mesmo número de fábulas de Esopo. Ora, dada esta liberdade ao professor de Português, cremos que La Fontaine será o eleito. Então, será a oportunidade de o professor de ICLC trabalhar de forma colaborativa com o colega e com os alunos. Porque não apresentar-lhes Esopo e o seu valor para a história da fábula? E, com esta escolha, a articulação com o Plano Nacional de Cinema e com a Biblioteca Escolar também será possível.

2. Assim, partimos para a criação de uma unidade didática que intitulámos **Ouvir, ler e contar... para pensar e imaginar – as fábulas de Esopo**, e com a qual pretendemos, essencialmente, dar a conhecer Esopo e os textos a ele

atribuídos<sup>2</sup>, evidenciar a oralidade como veículo cultural ao longo das gerações (tão importante para a preservação de muitos textos que chegaram à atualidade) e facilitar o papel do professor de Português ao abordar as fábulas de La Fontaine, incluídas na lista de obras e textos para a Educação Literária (como alternativa às de Esopo), para o 5.º ano, na disciplina de Português.

3. Consultámos depois, detalhadamente, a lista do Plano Nacional de Leitura - 2015 (PNL), a fim de verificarmos a abordagem feita à fábula e, quem sabe, a Esopo até ao 5.º ano. Com muito agrado, verificámos que propostas não faltam, desde o Ensino Pré-Escolar, por exemplo, com apoio a projetos de Educação para a Cidadania até ao 4.º ano, sendo referenciado Esopo como leitura autónoma para o 3.º ano - versão impressa e CD (*Fabuloso Esopo - Obra completa - Mala com 5 volumes + c/2 CD's*, de Jesús Araújo; *Fabuloso Esopo - c/2 CD's (Col. Fabuloso Esopo)*, de José Meneses Rocha) e para o 4.º ano (*Fábulas de Esopo*, de António Mota). Note-se que, no 5.º ano, o PNL sugere para leitura autónoma *As fábulas de Esopo* (recontadas por Fiona Waters, tradução de Bárbara Maia) e, para alunos de 5.º e 6.º anos sem hábitos de leitura, a leitura orientada das *Fábulas de animais e outras*, de Esopo, La Fontaine *et alii* (adaptação de Alsácia Fontes Machado).

#### 1ª sessão:

4. Partindo de um *brainstorming* com os vocábulos ‘oralidade’, ‘narrativa’, ‘animais’, ‘vida’, ‘lição’ e ‘moralidade’, será a oportunidade de apresentar um powerpoint sobre a fábula (origem do vocábulo, definição, presença na atualidade) e Esopo (cf. ppt 1<sup>3</sup>), estabelecendo a ponte para a fábula “A cigarra e as formigas” (possivelmente conhecida por uma versão usada na educação pré-escolar, 1.º e 2.º anos, de apoio a projetos, intitulada “A cigarra e a formiga”, de La Fontaine, adaptação de Luísa Ducla Soares).

5. Será, então, tempo de conhecer a versão grega (em tradução) de Esopo e a sua presença na literatura portuguesa, por exemplo, em intertextualidade com Alexandre O’Neill (“Velha fábula da bossa nova”), com a audição da interpretação de Adriana Calcanhoto; Bocage (tradução a partir de La Fontaine); visualização da versão de Walt Disney (“The Grasshopper and the Ants”), havendo oportunidade para a realização da ficha de trabalho 1.

#### 2ª sessão:

6. Na segunda sessão (que poderá ocorrer na BE): apresentação da ficha de trabalho 2, tendo por base *A Cigarra e a Formiga*, com duas músicas inéditas e narração de Bárbara Guimarães (texto adaptado por Ana Oom, a partir do texto de La Fontaine que, por sua vez, o adaptou de Esopo). Solicita-se, neste

---

<sup>2</sup> Cf., a este propósito, Ferreira 2014.

<sup>3</sup> O ppt 1, o ppt 2 e todas as fichas de trabalho para que este texto remete estão disponíveis em <https://apl36.wixsite.com/aplgpt/congresso-abril-2016>.

trabalho, o uso de ferramentas digitais de vídeo (Animoto, Vimeo, Youtube, Movie Maker, ...); caso seja necessário, será dada formação previamente.

7. Depois, os alunos apresentarão os trabalhos realizados. Será de realçar a escolha da formiga como símbolo de trabalho, ao invés da cigarra como imagem do oportunismo.

8. Traçar-se-á em seguida o paralelismo com os homens, podendo apresentar-se o conto “A formiga” de António Mota, e a explicação da diligência deste inseto. A este propósito, poderia recordar-se o filme “Homem-Formiga”, de Peyton Reed, estreado em Portugal em julho de 2015, no qual o super-herói da Marvel Comics é um homem com a supercapacidade de, ao colocar um capacete, encolher em escala (ficando do tamanho de uma formiga, mas com a força aumentada e tendo a capacidade de comunicar por telepatia com as formigas. Como é previsível, estas tornam-se suas aliadas).

9. Depois, destacar-se-á “A formiga e o escaravelho” de António Mota, em que o escaravelho assume o papel da cigarra na fábula anteriormente trabalhada.

### **3ª e 4ª sessões:**

10. Nas terceira e quarta sessões (inicialmente na sala de aula e depois na BE), os alunos, com o apoio da ficha de trabalho 3, recordarão a fábula de Esopo “A cigarra e as formigas”, escrevendo em grego o nome dos insetos (em caracteres minúsculos e maiúsculos), ao que se seguirá trabalho orientado (um guião de pesquisa de informação, segundo o modelo Big Six), que remeterá para outras fábulas de Esopo, terminando com a criação do Cartão de Cidadão de Fabulista (cf. ficha 3).

### **5ª sessão:**

11. Apresentação de trabalhos realizados pelos alunos. Com os mesmos, o professor criará um livro digital (por exemplo, usando a ferramenta Widbook) que será divulgado através dos canais digitais do Agrupamento (página do Agrupamento e blogue da BE). Poderá ser criada uma exposição física a mostrar na biblioteca.

Deste modo, no final da unidade didática, os alunos devem saber quem foi Esopo, conhecer as características da fábula, reconhecer a moralidade e interpretá-la, relacionar Esopo com outros fabulistas e desejar ler fábulas (parceria com Português).

Outros percursos poderiam ter sido apresentados:

- estudo da mitologia a partir de algumas fábulas de Esopo;
- exploração de textos incidindo sempre num animal comum, por exemplo, a raposa, astuta e matreira, o que poderá levar ao estudo do teatro com “A raposa e a máscara”;
- projetos relacionados com a educação cívica e os valores;
- estudo do alfabeto grego e do nome de animais;
- estudo da fábula a partir de pinturas, permitindo a ligação interartística com as obras de arte;



- exploração do nome científico de animais e, a partir daí, recolha de fábulas com esses animais, para articulação com Ciências Naturais ou intertextualidade com Português.

E, com estes trilhos, talvez os alunos já possam tentar responder ao desafio retórico de João Pedro Méseder, “A fábula é um palco onde os homens põem máscaras de homens ou onde os homens põem máscaras de animais?”<sup>4</sup>.

## II. SEGUNDA PROPOSTA — PARA ALUNOS DOS 8º OU 9º ANOS

Partindo da observação do presente, o objetivo é despertar nos alunos o gosto por um conhecimento mais consciente da língua materna, através da etimologia dos vocábulos, das relações entre a língua e a cultura; por outro lado, a explicação dos mitos conduzirá a uma melhor compreensão de aspetos do nosso quotidiano e mostrará a necessidade de conhecer o passado para melhor compreender o presente.

1. O colecionismo pode ser o mote. Num diálogo sobre coleções de objetos, destacaríamos a **filatelia** (*filos + ateleia* — aspeto interessante que poderia conduzir a outro estudo sobre o significado do elemento grego, sobre a polémica daí resultante e a proposta do termo **filotelia** que não vingou); a **filumenia**, um composto de latim e grego (*filos + lumen*); a **periglicofilia** (*peri + glikos + filia*) — vocábulos que nos levariam à explicação do seu sentido através da etimologia. Estávamos, assim, a entrar na língua grega e os elementos constituintes de cada palavra podiam ser escritos em caracteres gregos.

2. Destacávamos de seguida a **numismática**: de novo a etimologia; vinha, depois, o vocábulo **moeda** e a sua etimologia — fazendo a apresentação do tema que queríamos tratar (cf. ppt 2).

3. Com o exemplo de várias moedas antigas (gregas e romanas), mostraríamos a presença de elementos da mitologia, o que nos levava a falar da relação do dinheiro com a cultura, da moeda com os mitos e, desse modo, chegávamos à moeda europeia, o euro.

4. Projetando ou mostrando moedas gregas atuais, observaríamos a presença da antiguidade nas representações mitológicas aí existentes (cf. o ppt 2).

5. Depois da moeda viriam as atuais notas da “Série Europa”.

6. Essa observação levava ao estudo do mito de Europa e a outros mitos daí derivados (cf. ficha 1).

7. Paralelamente iríamos fazendo referências à língua grega, escrevendo os caracteres gregos e conduzindo os alunos à aprendizagem do alfabeto.

8. A pesquisa dos alunos e a explicação do professor seriam acompanhadas de pequenas fichas:

---

<sup>4</sup> Cf. A. Simões et al. (2016), *Palavra Puxa Palavra 5-Manual do Professor*, Parte 1. Porto: ASA, 24.

a. a descrição do mito de Europa pelos poetas e pintores — um texto das *Metamorfoses* de Ovídio, e um quadro do século XVIII representando o tema — o que levaria à **leitura** e ao confronto das duas representações (cf. ficha 2);

b. uma seleção de textos da imprensa atual, de assuntos variados, onde os mitos clássicos eram citados (cf. ficha 3);

c. exemplos da presença dos mesmos mitos na poesia contemporânea, leitura de alguns poemas (cf. ficha 4).

9. Podíamos então finalizar com um pouco de estudo da língua latina: pequenas fichas, frases simples falando de Europa, do mito e do continente; da jovem do mito e da jovem contemporânea — sem insistir em questões gramaticais, as frases eram compreendidas pela sua simplicidade e pela semelhança com o português e, a partir delas, outras semelhantes podiam ser construídas com as ideias dos alunos, seguindo o esquema (cf. fichas 5 e 6):

a. apresentação — nominativo

b. morada — o ablativo regido de *in*

c. o substantivo e o adjetivo

d. as 1ª e 3ª pessoas verbais

e. o presente e o pretérito imperfeito

f. o acusativo — complemento direto

g. a frase interrogativa: pergunta/resposta

h. o singular e o plural

i. o masculino e o feminino

Apresentámos apenas dois exemplos do muito que pode ser feito, partindo do presente e, para o compreender e explicar, ir em busca do passado, praticando a interdisciplinaridade, fazendo do saber uma rede de estradas que se cruzam, se complementam, expandindo o conhecimento, aprofundando-o, motivando mais perguntas que buscam novas respostas.

E mais, muito importante, a forma como esse conhecimento é transmitido, os materiais que se constroem, o saber transformar pequenas informações, à primeira vista banais, em pontos de partida para um saber mais consistente, mais profundo.

## BIBLIOGRAFIA

- Buescu, H., Maia, L., Silva, M. , Rocha, R. (2015), *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. URL: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb\\_julho\\_2015.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb_julho_2015.pdf) [acesso 15/04/2016].
- Ferreira, N. (2014), *Aesopica: a Fábula Esópica e a Tradição Fabular Grega*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ferreira, V. (2001), *Escrever*. Coimbra: Bertrand Editora.
- Rede de Bibliotecas Escolares (2015), *Ler + Plano Nacional de Leitura*. URL: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/livrosrecomendados.php?idLivrosAreas=52>[acesso 15/04/2016].
- Simões, A., Sá, E., Faria, J., Fidalgo, S. (2016), *Palavra Puxa Palavra 5 – Manual do Professor – Parte I*. Alfragide: ASA.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Apresentamos, como sugestão, algumas referências bibliográficas que podem ser úteis na preparação de materiais didáticos para a leção da disciplina de “Introdução à Cultura e Línguas Clássicas”.

- Crato, N. (2001), *Zodíaco — Constelações e Mitos*. Lisboa: Gradiva.
- Eco, H. (1986), “A linha e o labirinto: as estruturas do pensamento latino”, in Duby, G. (dir.), *A Civilização Latina — Dos Tempos Antigos ao Mundo Moderno*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 23-48.
- Falcão, P. B. (2014), *Palavras que falam por nós — À descoberta das raízes da nossa língua e das histórias que as palavras contam*. Lisboa: Clube do Autor.
- Ferreira, J. R. (2008), *Labirinto e Minotauro — Mito de Ontem e de Hoje*. Coimbra: Coleção Fluir Perene. URL: [http://www.fluirperene.com/livros/labirinto\\_e\\_minotauro.pdf](http://www.fluirperene.com/livros/labirinto_e_minotauro.pdf).
- Ferreira, J. R., “Do céu à terra é um salto. O mito de Dédalo e de Ícaro na poesia Portuguesa contemporânea”. URL: [http://www.fluirperene.com/artigos/dedalo\\_icaro\\_j\\_a\\_seabra.pdf](http://www.fluirperene.com/artigos/dedalo_icaro_j_a_seabra.pdf).
- Grimal, P. (1999), *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: Difel.
- Houaiss, A. (1986), “Nox, noche, noapte, noite, notte, nuit, noui, nue, nit”, in Duby, G. (dir.), *A Civilização Latina — Dos Tempos Antigos ao Mundo Moderno*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 177-191.
- Jabouille, V. (1993), “Mito e Literatura: considerações acerca da permanência da mitologia clássica na literatura ocidental”, in V. Jabouille et al., *Mito e Literatura*. Sintra: Inquérito.

- Jabouille, V. (1997), ”Mythos, mito e cibermite ou a actualização referencial necessária”, in *Colóquio Clássico – Actas*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 133-149.
- Pereira, M. H. R. (2005), *Romana – Antologia da Cultura Latina*. Alfragide: Edições ASA.
- Pereira, M. H. R. (2009), *Hélade – Antologia da Cultura Grega*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Pimentel, M. C. e Morão, P. (coords.) (2012), *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade*. Lisboa: Campo da Comunicação.